

ANPVL.3160-1



DECRETO N.º 5035, DE 4 DE JANEIRO DE 1977.

Dá denominações a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, de artigo 39, do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9 de 31 de Dezembro de 1.969.

D E C R E T A :

ARTIGO 1.º — Ficam denominadas:

- I — AVENIDA PAULO PROVENZA SOBRINHO a continuação da Avenida 2 do Jardim Campos Eliseos que começa na citada Avenida Paulo Provenza Sobrinho e termina na divisa com a Fazenda Roseira;
- II — RUA PORTO ALEGRE a Rua 1 do Jardim Campos Eliseos que começa na Avenida 2 e termina na Rua 16 do mesmo loteamento;
- III — RUA FLORIANOPOLIS a Rua 2 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Estrada de Campo Grande;
- IV — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 3 que começa na Rua 25 e termina na Estrada de Campo Grande;
- V — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 4 que começa na Rua 25 e termina na Estrada de Campo Grande;
- VI — RUA CURITIBA a Rua 5 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Rua 33 do Jardim Campos Eliseos;
- VII — RUA CUIABÁ a Rua 6 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- VIII — RUA VITÓRIA a Rua 7 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- IX — RUA GOIÂNIA a Rua 8 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- X — RUA BELO HORIZONTE a Rua 9 que começa na Rua 25 e termina na Estrada de Campo Grande;
- XI — RUA RECIFE a Rua 10 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XII — RUA NATAL a Rua 11 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XIII — RUA MACEIO a Rua 12 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XIV — RUA FORTALEZA a Rua 13 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XV — RUA SÃO LUIS a Rua 14 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVI — RUA TERESINA a Rua 15 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVII — RUA MANAUS a Rua 16 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVIII — RUA ARACAJU a Rua 17 que começa na Rua 10 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;
- XIX — RUA MACAPÁ a Rua 18 que começa na Rua 9 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;
- XX — RUA RIO BRANCO a Rua 19 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XXI — RUA PORTO VELHO a Rua 20 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XXII — RUA BOA VISTA a Rua 21 que começa na Rua Exp. Mário Ribeiro do Amaral e termina na Av. Paulo Provenza Sobrinho;
- XXIII — RUA JOÃO PESSOA a Rua 22 que começa na Rua Exp. Mário Ribeiro do Amaral e termina na Av. Paulo Provenza Sobrinho;
- XXIV — RUA EXPEDICIONÁRIO MÁRIO RIBEIRO DO AMARAL a Rua 25 continuação que começa na Rua do mesmo nome e termina na Rua 9 do mesmo loteamento;
- XXV — RUA FRANCISCO FERREIRA PIRES a Rua 31, continuação da Rua 33 do Jardim Campos Eliseos que começa na Rua do mesmo nome e termina na divisa com a Fazenda Roseira.

ARTIGO 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal, 4 de janeiro de 1977.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
Prefeito do Município de Campinas
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos por Carlos Roberto M. Guimarães, Coordenador Administrativo do Setor de Expediente da Consultoria Jurídica, com os elementos constantes do protoc. 17053 de 1 de Julho de 1.976 e, publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 4 de janeiro de 1977.

DR. ARMANDO PAOLINELLI

R E T I F I C A Ç Ã O

DECRETO N.º 5035, DE 4 DE JANEIRO DE 1977.

Dá denominações a vias públicas da cidade de Campinas.

LEIA-SE NOVAMENTE O ITEM II DO ARTIGO 1.º POR TER SAÍDO COM INCORREÇÕES:
"II — RUA PORTO ALEGRE a Rua 1 da Vila Perseu Leite de Barros que começa na Avenida 2 e termina na Rua 16 do mesmo loteamento".

Campinas, 5 de janeiro de 1977.

DR. ARMANDO PAOLINELLI
Chefe do Gabinete do Prefeito

DECRETO N.º 5238, DE 4 DE OUTUBRO DE 1977

Dá nova redação ao artigo 1.º do Decreto n.º 5.035, de 4 de janeiro de 1.977, que denominou vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando de suas atribuições legais,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — O artigo 1.º do Decreto n.º 5.035, de 4 de janeiro de 1.977, que denominou vias públicas da cidade de Campinas, passa a ter a seguinte redação:

"Artigo 1.º — As vias públicas do loteamento denominado "VILA PERSEU LEITE DE BARROS", ficam denominadas:

- I — AVENIDA PAULO PROVENZA SOBRINHO a continuação da Avenida 2 do Jardim Campos Eliseos que começa na citada Avenida Paulo Provenza Sobrinho e termina na divisa com a Fazenda Roseira;
- II — RUA PORTO ALEGRE a Rua 1 da Vila Perseu Leite de Barros que começa na Avenida 2 e termina na Rua 16 do mesmo loteamento;
- III — RUA FLORIANOPOLIS a Rua 2 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Estrada de Campo Grande;
- IV — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 3 que começa na Rua 22 e termina na Estrada de Campo Grande;
- V — AVENIDA BRASÍLIA a Rua 4 que começa na Rua 22 e termina na Estrada de Campo Grande;
- VI — RUA CURITIBA a Rua 5 que começa na Rua Francisco Ferreira Pires e termina na Rua 24 do mesmo loteamento;
- VII — RUA CUIABÁ a Rua 6 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- VIII — RUA VITÓRIA a Rua 7 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- IX — RUA GOIÂNIA a Rua 8 que começa na Rua 10 e termina na Estrada de Campo Grande;
- X — RUA BELO HORIZONTE a Rua 9 que começa na Rua 22 e termina na Estrada de Campo Grande;
- XI — RUA RECIFE a Rua 10 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XII — RUA NATAL a Rua 11 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XIII — RUA MACEIO a Rua 12 que começa na Rua 3 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XIV — RUA FORTALEZA a Rua 13 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XV — RUA SÃO LUIS a Rua 14 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVI — RUA TERESINA a Rua 15 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVII — RUA MANAUS a Rua 16 que começa na Rua 2 e termina na Rua 1 do mesmo loteamento;
- XVIII — RUA ARACAJU a Rua 17 que começa na Rua 10 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;
- XIX — RUA MACAPÁ a Rua 18 que começa na Rua 9 e termina na Rua 5 do mesmo loteamento;
- XX — RUA RIO BRANCO a Rua 19 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XXI — RUA PORTO VELHO a Rua 20 que começa na Rua 9 e termina na Rua 4 do mesmo loteamento;
- XXII — RUA BOA VISTA a Rua 21 que começa na Rua Exp. Mário Ribeiro do Amaral e termina na Av. Paulo Provenza Sobrinho;
- XXIII — RUA EXPEDICIONÁRIO MÁRIO RIBEIRO DO AMARAL a Rua 22 que começa na rua de mesmo nome do Jardim Campos Eliseos e termina na Rua 9 da Vila Perseu Leite de Barros;
- XXIV — RUA FRANCISCO FERREIRA PIRES a Rua 23 que começa na rua de mesmo nome do Jardim Campos Eliseos e termina na Rua 9 da Vila Perseu Leite de Barros;
- XXV — RUA NITERÓI a Rua 24, continuação da Rua 33 do Jardim Campos Eliseos que começa na Rua Ciolfi e termina na Rua 10 da Vila Perseu Leite de Barros".

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 3 de outubro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas
DR. RALPH TORTIMA STETTINGER
Secretário dos Negócios Jurídicos
Eng.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 17.053, de 1.º de julho de 1.976, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 3 de outubro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
Chefe do Gabinete do Prefeito



MANAUS

HISTÓRIA

Situada às margens do Rio Negro, ao ser fundada em 1669, Manaus resumia-se no Forte de São João da Barra, erguido pelos portugueses para evitar que a área fosse ocupada por outros povos europeus. E a povoação cresceu e passou a ser como que a ponta de lança do homem no coração da selva amazônica, pois dali o colonizador partia na grande aventura do progresso. Até 1850, quando Manaus passou à categoria de Província, a área teve muito pouco desenvolvimento. Era, basicamente, constituída de fazendas que produziam para a sua própria subsistência. A população era composta de índios, mercadores, missionários, soldados e escravos. Mas a região era rica em seringueiras, árvores de onde se extrai o látex para a fabricação da borracha.

Entretanto, só depois que foi inventado o processo de vulcanização e, mais tarde, criou-se o pneu, é que a borracha ganhou grande importância no mercado internacional, pois a procura do produto aumentou assustadoramente. Com isso os preços também subiram. E foi entre os anos de 1890 e 1910, que a cidade passou a viver uma fase de grande euforia, uma fase de esplendor, que foi o chamado "Ciclo da Borracha".

Nesse período, de muita riqueza e ostentação, Manaus passou por grandes transformações, ganhou importantes e luxuosos edifícios — o Teatro Amazonas é um exemplo vivo, já que ali se exibiram as mais famosas companhias de óperas do mundo — eletricidade e outras facilidades, que a colocaram entre as cidades mais sofisticadas do mundo. Por sua vez, o povo passou a ter um elevado nível de vida, só comparado às mais ricas cidades da Europa. E para Manaus acorreram médicos, engenheiros, artistas e muitos outros profissionais liberais, além de comerciantes das mais variadas nacionalidades, que lá foram estabelecer seus negócios.

Entretanto, com o surgimento da concorrência, especialmente de países da Ásia, em 1916, os preços baixaram, a produção declinou, e com eles a prosperidade da cidade, que já não podia desfrutar da mesma importância do comércio internacional.

ZONA FRANCA

Como advento da Zona Franca, em 1967, a cidade teve um novo e importante impulso. Na verdade, depois de sua implantação, Manaus ganhou nova fisionomia, novo colorido, nova dinâmica. Define-se a Zona Franca como uma área de livre comércio para importação e de incentivos fiscais especiais que visam, particularmente, ao desenvolvimento, no coração da Amazônia, de um centro industrial e comercial. E a cidade, realmente sofreu uma grande metamorfose, tanto no aspecto urbanístico, como no industrial e comercial.

Manaus tem hoje cerca de 200 indústrias, todas altamente sofisticadas, que empregam milhares de pessoas. É o chamado Centro Industrial. Mas, com o advento da Zona Franca, Manaus passou também a receber um novo tipo de turista, aquele menos interessado nos atrativos naturais — realmente o forte, o belo — e mais preocupado em fazer compras. Há de tudo em Manaus. Tudo o que se possa imaginar, desde os comestíveis mais finos até os mais sofisticados aparelhos eletrodomésticos, numa escala completa de marcas e procedên-

cias. Há lojas e mais lojas vendendo artigos estrangeiros, que chegam diariamente da América do Norte, do Japão, da Europa, de toda a parte. Quanto aos preços, embora variando muito de estabelecimento para estabelecimento, são realmente tentadores.

Compra-se mais barato em relação aos preços normais. Tudo mesmo: gravadores, máquinas fotográficas, toca-fitas, vitrolas, rádios, tecidos, roupas e por aí afora, sem esquecer os finíssimos patês franceses, queijos da Dinamarca, da Holanda, conservas da Inglaterra, biscoitos da Alemanha, Chocolates suíços, etc.

É bom lembrar que existe um limite para compras. Assim, para evitar surpresas, ao desembarcar em Manaus, o aconselhamos a consultar as autoridades alfandegárias, no aeroporto da cidade, sobre os limites de compra de mercadorias estrangeiras, quotas para comestíveis, restrições sobre números de unidade de um mesmo artigo, etc.

E mais: se você chegar a Manaus com algum artigo de procedência estrangeira — máquinas fotográficas e de filmar, calculadoras etc — deve declarar aqueles artigos na Alfândega do próprio aeroporto, antes de sair da área de recebimento da bagagem.

Toda a cidade de Manaus é considerada Zona Franca. Entretanto, o comércio de maneira geral concentra-se quase todo no centro. As ruas de maior movimento de compras são Marechal Deodoro, Marcílio Dias, Dr. Moreira, Henrique Martins, Ediar do Ribeiro e Av. Sete de Setembro. Nelas você encontra de tudo. Outro conselho: não compre logo na primeira loja que entrar. Vale a pena fazer uma tomada de preços. Você vai encontrar diferenças às vezes grande de uma loja para outra. Outro aviso importante: todo o eletrodoméstico que adquirir, deve mandar experimentar na hora, na sua frente.

A CIDADE

Manaus possui numerosos edifícios que são verdadeiras jóias arquitetônicas, construções monumentais que despertam a atenção do visitante.

Dentre eles está o majestoso Teatro Amazonas totalmente remodelado ainda recentemente. Um dos maiores edifícios, no gênero, em toda a América, o Teatro Amazonas foi construído entre 1891 e 1896, na época de ouro da borracha, sua arquitetura tem as características da época colonial. Seu interior, de grande riqueza, apresenta colunas, estatuetas de grandes nomes do teatro e da música, e

escadarias trabalhadas por marceneiros italianos. Adornam, ainda, o interior do grande teatro, cristais, espelhos, bronzes, porcelanas e tapeçarias de procedência européia. É uma visita obrigatória. Outras atrações: o prédio da Alfândega, Palácio Rio Negro (onde fica a sede do Governo), Catedral N. S. da Conceição (a maior de toda a região cujo interior impressiona pelo alto valor artístico e histórico), Assembleia Legislativa, Museu do Índio, etc.

Manaus tem muitas praças que vale apenas uma visita. Entre elas a do Congresso, São Sebastião Heliodoro Balbi (conhecida também como Praça da Polícia ou Estadual) e Oswaldo Cruz (onde fica a Catedral e o famoso relógio). As ruas da cidade, principalmente as do centro, também ganharam novos melhoramentos.

São todas muito bem iluminadas, com calçadas recentemente construídas, que mudaram completamente a paisagem, dando-lhe um colorido todo especial. O Porto, por sua características únicas e o Mercado, este totalmente reformado, são pontos que você deve visitar. Visitar e admirar.

PASSEIOS

Realmente, a maior atração para quem deseja conhecer o Amazonas é o próprio rio Amazonas e seus afluentes principais, tão importantes quanto ele mesmo. O processo de ocupação da região ocorreu ao longo dos seus inúmeros rios. Todas as cidades do Amazonas estão à margem de algum rio ou dependem de um deles. A mitologia indígena local sobre o rio é riquíssima.

É bom frisar que a Agência Tropical de Turismo, no próprio hall do hotel, oferece uma série de excursões pelo rio. Qualquer uma delas é uma boa escolha. Mas, vamos ao passeio. O visitante um pouco depois das nove horas parte numa confortável lancha do Tropical Hotel Manaus, normalmente cheia de turistas estrangeiros.

A expectativa é grande. Neste início de passeio, logo depois de passar por pequenos portos, de apreciar as casas típicas dos nativos construídos ao longo do rio, desperta curiosidades, ao chegar ao Porto de Manaus, o quadro dos níveis máximos alcançados pelo Rio Negro, em diversas épocas. Por ali, vê-se que grandes enchentes provocadas pelas cheias do rio já inundaram boa parte da cidade, causando pesados transtornos à população.

Do outro lado da lancha, em demanda do rio Amazonas, vêem-se a feira flutuante na praia em frente ao mercado com

os mais variados tipos de embarcações; as palafitas à beira do rio; serrarias, e outras grandes indústrias da região. Mais alguns momentos e o visitante está diante de um espetáculo emocionante: o "Encontro das Águas", onde o rio Negro encontra-se com o Solimões — para formar o Amazonas — deixando ver, de modo marcante, a diferente coloração.

A próxima atração é a ilha de Terra Nova, onde, dependendo do tempo, você pode apreciar plantações de cacau, mandioca e seringueiras. Uma beleza. Depois de visitar a ilha, o turista navega um pouco por um dos canais do rio Solimões, verdadeiras avenidas dentro do próprio rio. Viaja por esses canais durante meia hora, vendo-se, às margens, casas flutuantes e tapiris habitados por casais de prole numerosa.

Por fim, atinge-se o trecho do canal onde encontramos mata virgem de ambos os lados, visitando-se igarapés e igapós. E durante esse percurso, vê-se maguaris, garças, gaviões, graunas, arirambas e outros pássaros que voam de árvore em árvore ou de uma margem a outra, dando um verdadeiro show de cores, com fantásticas evoluções. A "Vitória Régia" e outras plantas exóticas também são de rara beleza. Na boca de um igarapé, os turistas passam por canoas penetrando nas selvas.

O cenário é impressionante, deixando realmente todos maravilhados. E por algum tempo, canoas avançam ao longo das "Vitórias Régias", onde, à chegada, os visitantes encontram novos motivos de sensação. De volta à lancha, um almoço gostoso está à espera dos visitantes. Na volta, outro belo espetáculo pode ser apreciado. Como dissemos, existem várias excursões à disposição dos turistas. É uma excursão que deve ser feita é ao Lago Salvador, que fica em frente ao Tropical Hotel Manaus, na outra margem do rio Negro, a 9 quilômetros de distância. Nessa área mantida pelo próprio hotel, os turistas podem ver antas, onças, porcos-domato, macacos, jacarés, tartarugas, capivaras, cobras, papagaios e outros animais em uma verdadeira reserva natural.

No lago, há um flutuante com dois apartamentos e serviço de bar. Pode-se fazer também um passeio através de uma picada na selva até o igarapé do Guedes, a cerca de 3 quilômetros. O Lago Salvador, onde é possível banhar-se é um verdadeiro paraíso, um lugar inesquecível. E o resto são os elogios que podem ser ouvidos em várias línguas, pois nenhum turista pode ficar indiferente a toda essa maravilha.

FOLHA DA 1.ª FOLHA — São Paulo, sexta-feira, 28-9-1979

M A N A U S



História das capitais

A terra das lendas

GANYMEDES JOSÉ

A beira do rio Negro viviam os Manaus, tribo indígena chefiada pelo guerreiro Ajuricaba. A grande floresta amazônica continuava sendo para os portugueses, colonizadores da terra, um grande desafio. Naquele país imenso e recém descoberto, tudo era terrivelmente grande e não havia pessoal suficiente para domá-lo. Daí porque a região norte teve progresso tão lento.

Segundo alguns, o devastamento da região amazônica teria começado com o sertanista Pedro Teixeira que iniciou suas explorações aos 28 de outubro de 1637. Segundo outros, o autor dessa proeza teria sido o lugar-tenente Pedro da Costa Favilla. O certo é que a região só recebeu maiores tentativas de colonização nos últimos cinquenta anos dos um mil e seiscentos.

No dia 22 de junho de 1657, aconteceu um grande movimento em São Luís do Maranhão: reunia-se a bandeira chefiada pelo cabo Bento Manuel Parente e que deveria partir para conquistar a selva. Meses depois, a bandeira chegou às margens do rio Tarumã, onde fundou uma povoação. Entretanto, no ano seguinte, desanimados com tantas dificuldades, os bandeirantes abandonaram o núcleo e fugiram para o Pará. Mas no meio do caminho foram mortos pelos índios.

No dia 15 de agosto do mesmo 1658, partiu, também do Maranhão, uma segunda bandeira que se fixou no mesmo lugar onde havia estado a anterior. Um núcleo ali começou a formar-se. Contudo, a expulsão de jesuitas e pioneiros desse núcleo, em 1661, foi um

grande erro, e os planos de colonização mais uma vez fracassaram.

A presença de holandeses e espanhóis pela vizinhança alarmou os portugueses. A todo custo era preciso cuidar daquelas terras, antes que outros a conquistassem. Por isso, em 1669, foi erguida, junto ao Rio Negro, a Fortaleza de São José.

A princípio, os índios atacaram ferozmente o novo forte. Porém, através da catequese dos religiosos carmelitas, pouco a pouco os índios se pacificaram e começou a surgir um arraial ao redor do forte. Famílias inteiras das triboes Barés, Passés, Banibás, originárias do Japurá e Içana instalaram-se no arraial de São José da Barra do Rio Negro, formou-se uma mistura de raças, surgindo os mameucos e caribocas.

Em 1783, por ordem do general João Pereira Caldas, o velho Forte de São José foi desativado por encontrar-se quase em ruínas, e em 1791 a sede da capitania do Amazonas foi transferida para a vila junto ao forte, também conhecida como Vila da Barra, graças à força política do general. Quando, porém, o General perdeu a força política, a capital foi transferida para Barcelos, de onde, mais tarde, voltou à Barra. Seus moradores lutaram para conseguir a emancipação do núcleo. Assim, a 24 de outubro de 1848, a vila é elevada à categoria de cidade, com o nome de Barra do Rio Negro. Mas somente a 4 de setembro de 1856 que teve o nome mudado para Manaus e no começo do século vinte é reconhecida como capital do Amazonas.

Muitos mistérios continuam ocultos debaixo daquelas gigantescas árvores seculares, e o homem, mesmo com toda a ciência atual, ainda está longe de os decifrar.

FOLHINHO DE SP 21-09-1980

RUA MANAUS

Decreto nº 5035 de 04-01-1977

Decreto nº 5238 de 04-10-1977

MANAUS

Habitante manauense: Unidade da Federação: Amazonas. Latitude: 3°09'07"S. Longitude: 60°01'24"W. Altitude: 21 m. Área: 14 327 km². População residente: 634 759 (1980). Densidade demográfica: 44,2 habitantes por km². Prefeito: José Fernandes.

Receita da União (arrecadada no município): não disponível. Receita do Estado (arrecadada no município): não disponível. Receita prevista da Prefeitura: Cr\$ 2 276 862 000,00 (1981). Despesa fixada da Prefeitura: Cr\$ 2 276 862 000,00 (1981). Despesa realizada da Prefeitura: Cr\$ 1 415 685 471,00 (1980).

Principais atividades econômicas: madeiras em tora, juta beneficiada, guaraná, látex, borracha, pesca de pirarucu, peixes ornamentais, pau-rosa, manganês, indústrias eletrônicas e perucas. Empresas estabelecidas: 12 095 (1979). Cooperativas: não há (1975). Agências bancárias: 37 (1979).

Ensino: 75 921 alunos matriculados em 215 unidades escolares de 1.º grau (1974); 11 917 alunos matriculados em 18 cursos de 2.º grau (1974); 2 850 alunos matriculados em 1 universidade e 3 estabelecimentos isolados (1974). Bibliotecas públicas: 22 (1974).

Hospitais: 20 (1974). Médicos: 705 (1974). Leitos: 2 160 (est. 1979).

Veículos licenciados: 39 365 (1979). Transporte ferroviário: não há (1980). Rodovias federais: BR-174 (Manaus—Rio Atitlán, em construção) e BR-319 (Manaus—Porto Velho). Aeroportos: 2 (1975). Cinesmas: 7 (1980). Teatros: 2 (1974). Emissores de rádio-difusão: 4 (1974). Emissores de televisão: 4 (1979). Jornais: 5 diários (1975). Hotéis: 44 (1979). Telefones: 25 850 (1978).

Capital do Estado do Amazonas, Manaus está situada à margem esquerda do rio Negro, a 20 km da confluência com o Amazonas, na área de convergência das vias de comunicação fluvial da mais rica região seringueira da Amazônia, sendo que seu porto é responsável por 87% do movimento econômico do Estado. Exporta borracha, cacau, castanha-do-pará, essência de pau-rosa, óleo de copaiba, peles e fibra de juta. O estabelecimento, em 1967, da zona franca de Manaus, um centro de livre comércio destinado a superar o atraso proveniente do isolamento da região, contribuiu decisivamente para intensificar o desenvolvimento da cidade. As atividades industriais de Manaus restringem-se ao beneficiamento dos produtos florestais e agrícolas, a usinas de beneficiamento e lavagem da borracha, de fiação e tecelagem, de destilação de pau-rosa, de beneficiamento de couros e peles de animais silvestres, serriarias, fábricas de guaraná. O principal estabelecimento industrial de Manaus é a sua refinaria, que, abastecida pelo petróleo bruto vindo do Peru, pode processar 7 000 barris diários. No município há, também, uma usina termelétrica, que gera 22 500 kW. E, em outubro de 1972, a Sharp do Brasil S.A. instalou em Manaus a primeira fábrica de calculadoras eletrônicas do país. A empresa fabrica ainda minicomputadores e TV em cores.

No que se refere à agricultura, após a II Guerra Mundial desenvolveram-se, entre outras, as culturas de juta, cana, pimenta e castanha. A produção de borracha segue em nível mais baixo para suprir o mercado nacional, enquanto a extração de castanha e de essências florestais visa à exportação. Ainda no setor agrícola, adquire importância o Distrito Agropecuario, distante 70 km de Manaus. Com 539 334 hectares, entre os quilômetros 30 e 38 da BR-174 (Manaus—Caracaraí), este distrito começou a ser instalado em 1975 e hoje conta com 172 empresas com projetos aprovados, dos quais 127 já iniciaram seus empreendimentos. Sua criação e implantação fazem parte da política da Suframa — Superintendência da Zona Franca de Manaus —, baseada na participação em programas específicos voltados para a implantação de centros produtores de alimentos em área de várzea e de terra firme, na zona rural de Manaus, e em pontos estratégicos do interior do Estado. Tudo isso, com o objetivo de melhorar o abastecimento de Manaus, que, até poucos anos atrás, comprava fora 85% dos alimentos consumidos. Como o abastecimento de carne é insuficiente e não atende à demanda, 45% da área do Distrito foram destinadas, pela Suframa, para a pecuária de corte e leite.

Fundada no século XVII, a cidade teve evolução lenta e obscura. Até os últimos decênios do século XIX, era um lugarejo pobre, de população em grande parte composta de índios. Manaus originou-se de um pequeno arraial que se formou em torno da fortaleza de São José do Rio Negro, fundada em 1669. Em 1774, o povoado, que recebera o nome de Barra, tinha apenas 220 habitantes. Em 1791, foi feita sede da capitania de São José do Rio Negro — criada em 1758 —, função que perderia em 1799, para só recuperar nos primeiros anos do século XIX. Mas continuou como simples povoado e só se elevou à categoria de vila em 1833, com o nome de Manaus. Em 1848, quando recebeu o título de cidade, foi rebatizada com o nome de Barra do Rio Negro.

O seu nome primitivo — e que ela ostenta até hoje — lhe foi desvolvido em 1856; nessa época, a cidade não passava de um aglomerado urbano sem importância, cujo atraso refletia o da toda a região amazônica. Seu progresso começou repentinamente. No período efêmero de 1890—1920, conhecido como o do ciclo da

borracha, ela se transformou, passando de uma cidade desconhecida até mesmo no sul do país. Em 1889, tinha apenas 20 mil habitantes; em 1910 eram 65 mil. Grandes obras públicas foram empreendidas: aterros, canalização de água, construção de pontes sobre os numerosos igarapés que atravessam a cidade, abertura da avenida principal sobre um pântano aterrado e construção de imponentes edifícios, entre os quais o luxuoso Teatro de Manaus, imagem do elevado desenvolvimento econômico e cultural da cidade nesse período. Ela foi a segunda cidade brasileira a adotar iluminação elétrica (1895). Esse desenvolvimento deveu-se à sua posição geográfica, que lhe permitiu tornar-se um centro simultaneamente de convergência e de irradiação da produção da Amazônia ocidental. A esse período de euforia seguiu-se uma fase de violenta depressão, devido à queda do preço da borracha no mercado internacional. Após um longo período de estagnação, Manaus voltou, nos últimos anos, a se animar, graças à nova economia agrícola que se vai implantando na Amazônia.

(Extraído de fls. 127 e 128 do "Almanaque Abril" para o ano de 1982, da Editora Abril S/A., de São Paulo)





Manaus: Calor. Silêncio. E contradições!

(A AMAZÔNIA PRECISA SER TOMBADA, PARA QUE POSSA SER PRESERVADA)

Manaus é uma cidade estranha. Bares com mesas nas calçadas dão impressão de descompromisso completamente oposta às escuras filas de ônibus, repletas de usuários de baixa estatura, cor amarelada, mal vestidos e com baixo nível de escolaridade. Os primeiros fazem lembrar as cidades do nosso litoral, onde o consumo de cerveja e conversa fiada desconhece limites. Os outros recordam a espera pela longa caminhada do centro a qualquer subúrbio de São Paulo.

Mesmo por isso o sentimento nacionalista, ali, está enfraquecido. São muito comuns imensas placas, tingidas de verde e amarelo nas extremidades, onde se lê: "Amazonas meu amor. Brasil meu amor", espalhadas por todos os cantos. Também são comuns bandeirolas do Brasil e do Estado, enfeitando portas de estabelecimentos comerciais ou residências.

O Cais do Porto de Manaus recebe diariamente cargueiros estrangeiros lotados de toda ordem de produtos — de sofisticadas aparelhagens de som e tiras de chicletes produzidas pela Walt Disney Productions. E, com a mesma conduta acritica, os filhos da terra ocupam-se deste descarregamento como do cozimento

do "tacacá", em praça pública. Apenas os destinos diferem: os primeiros vão para a Zona Franca, comparável a um aglomerado de "ruas Direitas", pontilhada de frequentadores heterogêneos, em seus estilos, hábitos e cores. Já os cozedores de "tacacá" submetem-se à sua própria cultura, elaborando fumegantes misturas de mandioca e folhas indígenas, com camarões de todos os tamanhos, por Cr\$ 80,00, servidas em cuias.

Porém, o amazonense está proibido de emitir xenofobismos. E como para não correr o risco de desvencilhar-se de suas origens, afixa, despretensiosamente, fotografias coloridas do presidente da República em lojas que nada têm de brasileiro. Nem o nome. Mas jamais se esforça em criar, no consumidor, o interesse pela compra. (Talvez porque também não saiba exatamente que valor teria o produtor). E não pode fugir da lentidão, da preguiça e do desinteresse pelo interlocutor — este é sempre um ilustre desconhecido.

Essa divisão cultural, em Manaus, torna visível uma ponta de inibição, quando o amazonense informa outros brasileiros, sobre as particularidades da região. Se lhe perguntam sobre a graviola —

Texto de YEDA SOUZA SANTOS



A floresta provoca um efeito místico e ameaçador; atraente e exuberante. E o homem caminha, solitário, ao encontro de destinos desencointrados

uma fruta muito apreciada daquele lado —, ele responde timidamente que "as pessoas costumam dizer que é boa". Mas generaliza porque não sabe se quem falou foi brasileiro ou não. Por outro lado, aprendeu a tirar partido do afluxo de turistas. Os preços de produtos ou alimentos brasileiros, oscilam de acordo com a coloração da pele e o tom cantado da pronúncia, aumentando quanto mais se clareia a primeira e se abranda a última.

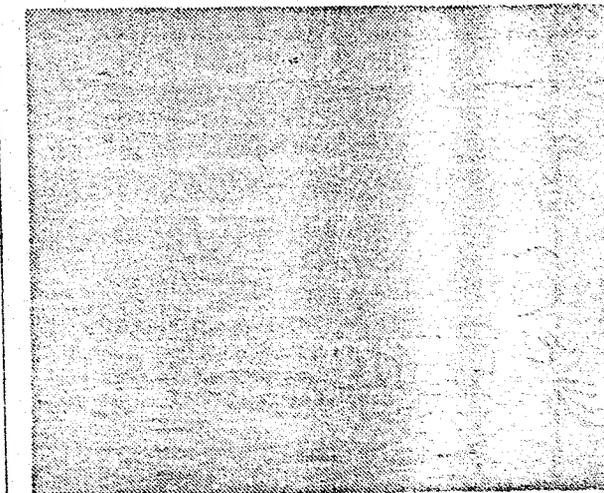
Assim, um louro de olhos azuis poderá pagar até Cr\$ 200,00 por um acarajé, enquanto um moreno (talvez vindo do Rio) pagará Cr\$ 100,00. Para os que notoriamente são da Bahia para cima, fica por Cr\$ 50,00.

CALOR E SILÊNCIO

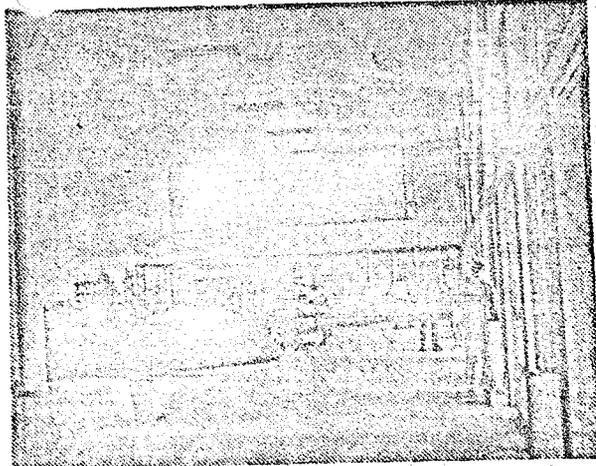
Manaus é uma cidade muito quente e silenciosa. Porém, de um silêncio que, ao invés de pacificar, oprime e sufoca. As pessoas são caladas e de poucos amigos, se comparadas às nordestinas. Tragadas por um calor médio de 35° graus, elas estão acostumadas às dificuldades impostas pelo rio Negro, em função do qual

com as crianças, os animais e os varais com roupas penduradas, rebocados por barcos motorizados. Ou embrenham-se na mata, em grandes barcos, onde instalam-se em redes, a caminho de casa.

Conta-se que na época das cheias, o rio Negro torna-se tenebroso. É negro como carrão e, se estiver chovendo, as margens vão cedendo com tudo que as contiver, à medida em que o rio se alarga. Visto do alto, o Amazonas é uma surpresa e uma enorme contradição. A compacta mata, a inutilidade da Transamazônica, os alagadiços, a imensidão do rio, literalmente um mar de água doce que some no horizonte. Depois, Manaus. No aeroporto, uma miniatura do Galeão, com todos os automatismos. E o calor. De vontade de sugerir o Tombamento da Amazônia pelo Patrimônio Histórico para preservá-la, ao invés de exaustivamente tentarmos adaptá-la ao homem branco. A floresta ronda Manaus com uma eterna "ameaça", com seus problemas difíceis, agredindo à medida que nos faz reconhecer a ignorância pelo Brasil, como se ele for uma terra distante e inatingível.



Mas o amazonense contempla impotente, frente à grandeza do rio



Do outro lado está Manaus, orgulhosa de seu aeroporto, uma réplica fiel do Galeão

(Extraído do jornal "Diário Popular", de São Paulo, do dia 06-setembro-1981)